ADRIANA MARTINS

BERENICE
DA CAPADÓCIA

A JORNADA DO NÃO-HERÓI

MANHÃ – VOLUME 2

Ce livre a été publié sur www.bookelis.com

Titre: Berenice da Capadócia: a jornada no não-herói – Manhã, Volume 2
Titre original: Bérénice de Cappadoce: la journée du non-héros – Matin, Volume 2
Édition originale publié par © Éditions Pluma & Littera, 2023, Rambouillet, France
© Éditions Pluma & Littera, 2023, Rambouillet, France
© Adriana Martins, 2023, pour le texte ISBN
Couverture et projet graphique Isabela Pampuch
Révision et préface: Amarílis Okida
Texte de couverture: Gabrieu Queiroz de Souza
Tous droits réservés.
www.plumaetlittera.com

Tous droits de reproduction, d'adaptation et de traduction, intégrale ou partielle réservés pour tous pays.

L'auteure est seule propriétaire des droits et responsable du contenu de ce livre.

A vida de cada pessoa daria um livro. Se a história for bem contada.

Matathias de Artaxate

Prefácio.....9
Prólogo.....11
Recuar, para avançar.....31
Discípulos de Hermes, discípula de Atenas.....45
Ursicinus.....59
Le sourire parmi les larmes.....79
Amor e luxúria.....91
Uma querela entre mulheres.....101
O despertar de Soyla.....117
Novas atalantas.....133
Príncipe Ezana de Axum.....153
Io, Saturnalia !.....167
De re coquinaria.....177
Cidadã de respeito.....191
Viver é um escândalo e uma desgraça.....205
Peta, Puta, Patella.....219
O amor cega.....237
Amor de Medeia.....247
Amor fidelis.....259
Mens sana.....271
Mondes divididos.....289
Tempus semper fugeret est.....303

PREFÁCIO

“Fiquei muito tempo vagando por Cesareia, esse lugar encantador em que meu coração lhe adorou.

Antíoco adorava Berenice, "a outra, a verdadeira", como diria Aureliano, a "princesa do Oriente" de Racine.

Racine queria simplicidade em Berenice. Ele não achava plausível que uma infinidade de ações pudesse ocorrer em um único dia.

Em apenas um dia? Certamente que não. Mas, em uma vida inteira?

Em outra Cesareia, na Capadócia, há outra Berenice. Ela é uma pastora. Para ela, nenhuma plausibilidade é possível em uma unidade de ação e lugar. Em todo caso, as ações dependem umas das outras; tudo é uma espiral. Só pode haver verossimilhança em uma narrativa iniciática.

Berenice não é uma rainha e parece estar sendo arremessada nas ondas de seu destino, onde cada uma de suas escolhas terá repercussões inesperadas que, por sua vez, levarão a outras escolhas. Berenice nos leva a uma jornada de tragédia cotidiana, uma epopeia do ordinário, por meio de sua própria história, mas também por meio de várias narrativas entrelaçadas. Berenice da Capadócia é um exemplo perfeito do poder das palavras, da linguagem, da poesia e da narração de histórias para moldar a maneira como vemos o mundo.

A história de Berenice acontece numa antiguidade tardia eminentemente moderna. Adriana Martins desperta nossos sentidos, permitindo-nos ver as cores, sentir os cheiros e saborear os sabores de uma época sobre a qual pouco se fala. Pelos olhos de Bérénice, não apenas visitamos Cesareia e outros lugares da Anatólia, mas também vemos um mundo abundante.

Berenice nunca deixará de se perguntar sobre si mesma! Ela é uma menina com uma mente cheia de perguntas. Ela pode ser apenas uma pastora, mas seus pensamentos estão sempre em movimento.

Como poderia ser diferente em um mundo onde o patriarcado domina e onde diferentes culturas precisam conviver? O que

fazer quando você nasce mulher e, por várias razões, é condenada a se esconder?

Berenice da Capadócia é uma história atual pelas questões que levanta.

E, no final, nos perguntamos: Berenice é uma heroína ou não?

Alguns dirão que ela é corajosa diante da adversidade. Berenice sempre se reergue, assim como Ulisses. Outros dirão que não. Será que é coragem lutar com a energia do desespero? Será que, no final das contas, temos alguma escolha a não ser seguir em frente? O que há de tão heroico nisso quando enfrentamos um revés após o outro?

Acima de tudo, Berenice aprenderá a ser solidária com os outros, mas também consigo mesma. Ela também é um exemplo magnífico de resiliência. Talvez haja um pouco de cada mulher em Berenice...

Adriana Martins nos abre as portas para uma história profundamente humana.

Florina Voirpy

PRÓLOGO

Já faz três dias que a Senhora Berenice não retorna para a taverna. Eu me pergunto o que terá lhe acontecido. Como tudo o que diz respeito a ela, esse desaparecimento também não tem nada de banal. Estou preocupado: por mais corajosa e experiente que seja, a Senhora Berenice tem quase oitenta anos. Com essa idade, até mesmo o grande Hércules seria motivo de preocupação se desaparecesse nas mesmas circunstâncias!

Mas não estou surpreso. Depois de tudo que ouvi, não me causa estranheza que suas peripécias continuem.

Nossa jornada, juntos, entre passado e presente, iniciou há mais de um ano; quase todos os dias, ela me conta um trecho de sua história, e eu nunca me canso de ouvi-la. A cada episódio, aumenta minha admiração por essa mulher de aparência tão trivial, mas que guarda em si tantas vidas extraordinárias em uma só existência.

Desde o início, seguimos o mesmo ritual: bem cedo, após seu desjejum, eu a espero na entrada da taberna. Assim que ela desce de seu aposento, eu lhe ofereço o braço e partimos, um escorando no outro, para uma volta pelo fórum. Se o tempo nos sorri, caminhamos até os portões do lado leste e, dali, ambos apreciamos os raios de sol incidindo sobre as águas que circundam a cidade.

A caminhada se faz em silêncio. Aprendi que esse momento é necessário à minha amiga para que ela faça sua viagem ao passado e, assim, possa escolher que partes ela deseja revelar. Depois disso, retornamos à taberna. Eu, para meus afazeres; e a Senhora Berenice, para sua vida de segredos.

Nas últimas semanas, ela voltou a passar mais e mais tempo fora, como fazia antes. Ao voltar, ela parece tão cansada que nossos encontros têm sido cada vez mais curtos. O que me aborrece mais do que eu esperaria, afinal, essa é a

história dela. Mas a verdade é que ao fim de cada episódio, eu fico querendo saber mais.
Para aumentar a minha frustração, ultimamente, uma inquietude tem tomado conta de seu espírito. Nós continuamos nossas sessões, mas conforme os dias vão passando, ela tem se perdido no fio das histórias, fazendo idas e vindas, seus olhos sempre voltados para a janela. Por causa disso, avançamos lentamente, o que torna meu trabalho mais difícil.
Mas nem assim, eu perco o interesse. Ao contrário, sinto-me frustrado e temeroso de que algo lhe aconteça antes que ela termine sua história. Eu tento, da maneira mais sutil que posso, incentivá-la a contar mais, mas, em nossa relação, sempre foi a Senhora Berenice quem ditou as regras. E suas regras dizem que ela toma seu tempo em cada coisa que faz.
Certa vez, percebendo quão contrariado eu estava com o pouco avanço da narrativa daquele dia, ela me repreendeu suavemente:
— Flavius, como você já deve ter percebido, muitas coisas eu vivi. Na minha história, o tempo é o verdadeiro protagonista. Essa convivência me ensinou que é inútil fazer uma corrida contra ele. Que ele vá num passo rápido ou lento, eu nunca vou ultrapassá-lo. Da mesma forma que você também não vai! Assim sendo, por hoje chega. Tenho outras coisas para fazer e vou aproveitar o tempo, se você me permite o trocadilho.
Verdade seja dita: desde que nos conhecemos nunca a vi correr contra o tempo. Não que ela não tenha pressa; é só que ela se submete ao ritmo das coisas.
Perdoe-me, eu não estou sendo um bom gusan como minha mestra. Estou me perdendo em minha narrativa. Eu estava dizendo que minha amiga desaparecera. Retornemos.
Tudo começou há quatro semanas.

Fora um dia longo e cansativo de trabalho, sob um início de outono sombrio e chuvoso. Estávamos prontos para nos entregar aos braços de Morfeus. Todos os hóspedes já haviam se recolhido, restando apenas minha mãe e eu.

Nós limpávamos as últimas mesas, quando fortes batidas à porta nos fizeram sobressaltar. Do lado de fora, uma voz feminina chamava com a mesma intensidade dos trovões que acompanhavam a chuva incessante:

— Abram a porta para meu abrigo e proteção, por Júpiter Hospitalis!

Esse apelo tão solene nos causou espanto ainda maior, visto que nosso estabelecimento era uma hospedaria e não um templo. Conclamar o direito de hospitalidade em nome do pai Júpiter não só era inapropriado, como também exagerado. E foi com essa disposição em mente que eu respondi, enquanto abria a porta para aquela visitante inoportuna e dramática:

— Ora, vamos, que isso aqui não é casa de ricos patrícios que são obrigados a oferecer hospitalidade a todo passante. Se o que você deseja é um leito para dormir, o preço é de cinco siliquas, mas eu devo avisar que a cozinha já fechou, portanto não há ceia para você!

Eu tentei dar à minha voz um tom de enfado e reprovação, inflacionando inclusive o preço do pernoite, na intenção de desencorajar aquela alma a buscar repouso ali, pois isso significaria mais trabalho, quando, a essa altura, meu próprio leito clamava meu nome cada vez mais alto.

Porém, assim que terminei meu rude pronunciamento, emudeci diante da imagem daquela Diana Luna[1], mais bela do que a própria Vênus. Mesmo que parte de seu rosto

[1] A Deusa Diana, que tem sua equivalente grega na Deusa Artemis, está relacionada à Lua, à caça e aos nascimentos, pois desde a Antiguidade a gestação é calculada pelo número de luas.

estivesse ocultado por uma grossa capa de lã, encharcada pela forte chuva que caía, encarou-me um par de olhos muito abertos, que oscilavam entre o verde e o azul das águas do Benacus[2]. Sua dona tinha a pele de uma cor intensa do mais puro óleo de oliva e sua boca era rósea como a flor do pêssego. Por baixo do capuz encharcado, eu podia entrever rebeldes e belíssimos cachos, escuros como o tronco da castanheira.

No mesmo instante em que eu me dava conta desses detalhes, arrependia-me de minhas palavras duras. Mas como sempre diz um de nossos clientes cristãos "a palavra lançada nunca retorna vazia", e a minha voltou para mim cheia de irritação e censura:

— Então é essa a acolhida de uma casa que se quer respeitável? É essa a proteção que se oferece para uma mulher em perigo, ameaçada por malfeitores e que busca abrigo sob a proteção de bons cidadãos? Deixe-me à minha própria sorte e, pela manhã, depois de ter desfrutado de seu sono culposo, fruto da preguiça, que Hera vingue minha honra e faça que seja você aquele que recolherá meus despojos despedaçados à sua porta! Como um Hércules arrependido, você chorará minha perda!

E dizendo isso, a bela Deusa em forma humana transpôs a porta num passo decidido, empurrando-me para o lado.

Fosse Eurídice bela ou não, suas palavras, mesmo ditas com a voz mais melodiosa jamais ouvida acompanhada de seu gesto ríspido deixaram-me envergonhado e defensivo:

— Oras, a culpa não é minha se você não respeita a lei do Deus do sono. Nenhuma pessoa honesta vaga pelas ruas a essa hora da noite. Se você for agredida, problema seu. E como saberei se atrás de si não estão seus companheiros de

[2] Lago Garda, Lombardia, Itália.

bandidagem, prontos para entrar na hospedaria e degolar-nos em nosso sono?
Eu acabei sendo mais brusco do que pretendia, mas a atitude de minha interlocutora me desestabilizava.
— Bem, a verdade é que nada pode garantir-lhe que isso não acontecerá — disse ela, encarando-me diretamente nos olhos, com um sorriso sibilino nos lábios.
Não pude sustentar seu olhar. Corando como uma cereja madura, baixei meus olhos, inerte, frente àquela figura desafiadora.
Foi minha mãe quem veio em meu auxílio:
— Desculpe-nos pela recepção inapropriada, minha senhora, mas você há de convir que já se faz tarde para recebermos clientes.
— Tem razão, veneranda senhora — respondeu a jovem, dessa vez num tom apaziguador —, e eu peço perdão por interromper seu repouso certamente merecido. Acontece que venho andando em círculos, tentando encontrar seu estabelecimento há horas. Pessoas desonestas me orientaram em direções diferentes, e acabei sendo perseguida por um bando ameaçador de patrícios malfeitores. Acho até que eles estavam em conluio! Até quando nós, pobres e desprotegidos, teremos que sofrer a violência desses filhos de famílias que se dizem nobres, mas que geram frutos de caráter vil?
“Bem, ali estava alguém que parecia não ter medo de expressar suas opiniões”, pensei eu.
— Eu tive que esperar até que eles perdessem minha trilha — continuou ela —, para finalmente tomar o bom caminho até aqui. Procuro pousada em sua taverna, isso é certo, mas a razão principal de minha vinda é outra: preciso falar com uma hóspede sua.

— E quem seria essa hóspede? — perguntou minha mãe, erguendo o sobrolho.
— Procuro pela senhora de Nemausus.
— Não temos nenhuma hóspede com esse nome — respondi.
— E Βερενίκη στην Καππαδοκία?
Minha mãe e eu olhamos um para o outro, evidentemente confusos, pois nenhum de nós falava o grego.
— Berenice da Capadócia — repetiu a intrusa, dessa vez em latim bem claro.
Ao ouvir esse nome, minha mãe assumiu um ar grave e desconfiado:
— E o que a faz pensar que tenho, sob meu teto, tal hóspede?
— Foi ela quem me deu esse endereço e me disse que viesse à sua procura, caso eu tivesse uma certa informação, o que vim fazer. Mas eu entendo perfeitamente que, por ora, eu nada represento para vocês, além de um inconveniente. Para resolver essa questão, peço-lhe que envie seu escravo — disse ela, apontando para mim —, para que ele comunique à Senhora Berenice que Eurídice está à sua procura.
— Eu não sou escravo!
Nenhuma das duas me ouviu.
— Ainda que possa realmente haver uma hóspede de nome Berenice em meu estabelecimento, trata-se de uma senhora idosa, a quem o respeito não permite que seja incomodada a essa hora!
— A pessoa de quem eu falo carrega consigo o peso da idade, com certeza, mas essa não é uma idosa qualquer. Essa é a mulher mais ativa, altiva, lúcida e vigorosa que qualquer um de nós já conheceu.

Ao ouvi-la, tanto minha mãe quanto eu sabíamos que se tratava de “nossa” Senhora Berenice.
— Pois bem — respondeu minha mãe —, se é como você diz, levarei sua mensagem.
Em seguida, ela dirigiu-se a mim, dizendo:
— Flavius, ofereça à jovem uma refeição e um bom vinho, pois qualquer pessoa amiga de nossos amigos é nossa convidada, como ordena o Deus invocado por ela.
Dizendo isso, ela saiu, deixando-me a sós com Eurídice.
Evitando um novo confronto com aquela jovem que me intrigava, fugi para a cozinha, sob o pretexto de providenciar seu jantar, tarefa em que me demorei muito, por conta das frustradas tentativas de apresentar-lhe um prato bonito, sem entender o que motivava esse gesto.
Quando retornei com o jantar, à mesa, estava a Senhora Berenice. Minha mãe, sempre discreta e respeitosa com os assuntos pessoais de seus clientes, já havia se recolhido.
Assim que eu me aproximei, a velha senhora me agradeceu e, do seu jeito habitual, dispensou-me com essas palavras:
— Meu querido Flavius, em nome de Eurídice e do meu, peço desculpas pelo inconveniente, que será bem recompensado.
— E — continuou ela —, como não desejo que Eurídice, sendo minha filia de predileção, seja alojada entre os outros hóspedes, solicito que seja instalado em meu quarto um leito confortável para ela. Assim como eu, ela tomará suas refeições comigo em privado. Eu espero de você a mesma deferência que tem endereçado a mim desde sempre. Eis aqui o pagamento por dez dias de hospedagem. Agora meu querido amigo, deixe-nos a sós, por favor. Avise-nos quando o quarto estiver pronto.
O seu tom de voz deixava claro que minha presença não era bem-vinda. Secretamente, eu detestei aquela jovem que, ao

que tudo indicava, viera perturbar o bom entendimento entre mim e a minha mentora. Eu olhava para Eurídice com um olhar fuzilante, mas ela parecia nem notar minha existência.

Voltei às minhas tarefas com a mente fervilhando. Maldizia a presença daquela jovem, ao mesmo tempo em que desejava que ela prolongasse sua estadia. Era como se eu tivesse me tornado uma daquelas pedras de magnésia[3] que vi, uma vez, durante a apresentação de um místico. Eu me sentia atraído e repelido por Eurídice ao mesmo tempo.

Mas a perturbação em que eu estava não impediu a minha curiosidade em saber qual era a relação entre as duas mulheres e o porquê de tanto mistério em torno daquela conversa. Envergonhado de mim mesmo por tal comportamento, mas curioso como Epimeteus[4], eu desci até o salão em silêncio, pé ante pé, evitando ao máximo que o báculo, que me servia de apoio, denunciasse minha presença. Eu estava ansioso para ouvir algo interessante.

Minha tática produziu efeito e o que ouvi causou-me surpresa e inquietação.

Foi da boca da Senhora Berenice que saíram essas palavras:

— Precisamos elaborar um plano com toda cautela, minha filha, pois esse vai ser nosso ataque mais agressivo até hoje. Precisamos pegá-los de surpresa, porque estamos em menor número. Será preciso reunirmos todas as nossas bravas guerreiras para que tenhamos chance de sucesso. Uma vez

---

[3] Flavius descreve aqui a ação da Μαγνῆτις λίθος (magnus lithós), ou magnetita, à qual chamamos de imã. Pedras de magnésia porque era nessa região da Tessália que se encontrava esse mineral em abundância.

[4] Epimeteus – ignorando os conselhos de Prometeus para que não aceitasse nenhum presente de Zeus – aceita o jarro oferecido por Pandora. Ao abrir o presente, ele liberta todos os males da humanidade, restando no jarro apenas a esperança. Este mito está na obra de Hesíodo, Trabalhos e dias (Século VII AEC).

vitoriosas, precisaremos ainda resolver o que faremos com o fruto de nosso espólio…
— Para isso — respondeu Eurídice —, já providenciei a solução: a grande propriedade nos lados de Modicia[5] já está preparada para receber nossa preciosa carga. Da mesma forma nós, suas servas, valentes como as mais temíveis amazonas, estamos prontas para servi-la.
— A lealdade de vocês é o meu bem mais precioso, querida Eurídice. Nos dias que virão, aproveitaremos para revisar todos os detalhes dessa arriscada empreitada. Que Tyche esteja a nosso favor! Onde estará Flavius? Já está muito tarde e o melhor que podemos fazer agora é dormir.
Ao ouvir meu nome, dei meia-volta e subi silenciosamente alguns degraus, para descer logo em seguida, fazendo parecer que minha chegada tão rápida tivesse sido apenas coincidência.
A clepsidra indicava que já passava da prima noctis[6]: a essa hora, até mesmo um modesto estalajadeiro tinha o direito de descansar; assim, eu lhes disse, fazendo o possível para esconder meu cansaço intenso, que as camas estavam arrumadas. As duas mulheres simplesmente assentiram com a cabeça e, tão rápidas quanto os relâmpagos daquela noite tempestuosa, recolheram-se, sem dizer uma palavra.
Quanto a mim, eu não consegui mais encontrar o sono: então as minhas conjecturas de quando a Senhora Berenice havia chegado ao nosso albergue confirmavam-se afinal.

---

[5] Atual Monza, Itália.

[6] As horas do dia eram divididas em duas sessões de 12 horas, a hora prima, secunda, tertia, quarta, quinta, sexta, septima, octava, nona, decima, undecima e duodecima, a qual mencionavam ser hora diei e hora noctis para dia ou noite. Para saber as horas, os romanos usavam um relógio de água: a clepsidra, uma tigela preenchida com água (a mais comum em terracota). Um orifício lateral fazia escoar gota a gota enquanto marcações no interior do recipiente indicavam a hora. A clepsidra era calibrada pelos relógios solares.

Ela era mesmo a chefe de um bando, mas um bando de celeradas, estenos[7] modernas, mas belas e sedutoras, como eu as imaginava, todas à imagem da perversa Eurídice.
Na manhã seguinte, acabrunhado por não saber como reagir diante da Senhora Berenice, sem admitir que eu havia escutado uma conversa que não era para meus ouvidos, evitei, quanto pude, tratar com as duas. Simulando um assunto importante a resolver no mercado do fórum, pedi à minha mãe que se ocupasse das hóspedes.
Assim que voltei à nossa hospedaria, porém, já me aguardava meu pai, dizendo-me que a velha senhora lhe dera instruções para que eu fosse ter com ela o mais breve possível. Eu não tive como pretextar uma desculpa convincente para negar a ordem, então só me restou subir.
Ao entrar em seu quarto, não vi Eurídice, apenas a Senhora Berenice, com ar muito sério e preocupado.
— Flavius, assuntos urgentes pedem toda a minha atenção nas semanas que seguirão. Infelizmente, não poderei dar continuidade à minha narrativa por algum tempo. O momento é grave para mim. Há uma chance de que, em breve, não nos vejamos mais, se as Moiras decidirem que é chegada a minha hora de fazer a travessia do Styx[8].
— A empreitada que me aguarda — continuou ela —, é perigosa, mas eu serei cautelosa. Por isso mesmo peço a

---

[7] Esteno, Medusa e Euríale as três irmãs são as terríveis górgonas, filhas de Fórcis e sua irmã, Ceto. As górgonas são descritas como tendo rostos que lembram um javali com asas de ouro e cabelos de serpente. Seus enormes olhos tem o poder de petrificar seres vivos. A mais conhecida das três é Medusa, a única dentre elas que é imortal. Depois de ter sido violentada por Poseidon, teve sua cabeça arrancada por Perseu, que a utilizou em seguida para petrificar seus inimigos.

[8] Moiras, também chamadas de Parcas ou Destino são as três irmãs que zelam pelo cumprimento do destino da humanidade e dos Deuses. Cloto tece o fio da vida, enquanto Laquesis e Atropos o corta.

Estige é um dos rios que leva ao Hades, o submundo dos mortos.

você que me perdoe por não poder mais continuar nossas conversas que tanto me alegram. Saiba que apesar da grande distância dos anos que nos separa, considero-o como um verdadeiro amigo e por você tenho muita estima. Espero que possamos continuar essa amizade por muito tempo ainda, depois que essa tempestade que me aguarda passar.

Aquelas palavras, que eu sabia serem carregadas de sinceridade, emocionaram-me. Ainda mais porque a Senhora Berenice era bastante reservada com relação às suas emoções.

— Nos próximos dias, passarei muito tempo fora, só retornando para o descanso noturno. Como tenho em você a mais absoluta confiança, entrego-lhe as chaves de meu quarto e de meu cofre. Nele está todo o meu tesouro, assim como o testamento escrito, no qual declaro que todo o ouro e joias, todo o seu conteúdo, pertencem a você, caso algo me aconteça, e eu não retorne. Que Tyche nos seja favorável, meu amigo!

O tom sério e aflito de sua voz me inquietou e, por alguma razão que eu não soube explicar no momento, temi por sua segurança. O que estaria acontecendo? Quem era a Senhora Berenice, afinal? Já fazia mais de um ano que eu a conhecia, mas ao ouvir seus nomes de uso, percebi quão pouco sabia sobre ela. E o que eu sabia, havia aprendido pelas palavras da própria Senhora Berenice. Mesmo com toda a intensa convivência que vínhamos tendo até ali, ela continuava a ser, para mim, uma incógnita. A chegada intempestiva daquela jovem só fazia reforçar o enigma.

Entretanto, a verdade é que desde que me tornei seu secretário, passei a admirá-la e respeitá-la como uma mãe veneranda e sábia, e tudo que a Senhora Berenice acabara de me dizer só fez aumentar minha estima por ela. Eu agora amaldiçoava meus ouvidos por terem escutado a conversa

da noite anterior. Seria possível que uma pessoa fosse perversa para o mundo, mas honrada em seu círculo íntimo? Seria a Senhora Berenice uma versão feminina do destemido Bulla Felix? Se assim fosse, "*Excusatum malum facit, pro bono scit*"[9], como diz minha mãe. Então, minha mistagoga também era uma fora da lei, ideia que eu ainda achava difícil de conceber, dada a idade dela? Que fosse! mas e quanto à bela e impertinente Eurídice, seria ela uma filha de Mendacius, o Deus da decepção e da mentira[10]?

— Flavius, está tudo bem?

Eu estava tão absorto em meus pensamentos que perdi o fio da conversa que estávamos tendo:

— Desculpe-me, senhora. Meu espírito buscava assimilar o que acabei de ouvir. Não há palavras para agradecer a estima que a senhora demonstra, mas queira Fortuna que eu pereça antes de ter a chance de herdar tal tesouro. E que os Deuses lhe permitam viver para sempre.

— Ora, não exagere! — disse a Senhora Berenice, rindo. — Pensar que você, tão jovem, possa ser levado por Tanatos antes que eu não faz sentido algum. E não se preocupe, eu sei que você não quer que eu morra e que não cobiça esse ouro e essas joias, bugigangas que as pessoas tanto valorizam.

— De qualquer forma, não é esse o meu verdadeiro tesouro, e sim os meus manuscritos! E eu não poderia ter encontrado um guardião melhor para eles.

---

[9] Perdoa o mal que faz pelo bem que sabe.

[10] Bulla Felix, do latim amuleto de sorte, foi um bandido, comandante de um bando de 600 homens, perseguido por mais de dois anos (cerca de 205-207 EC), por ordem do imperador romano Sétimo Severo. Espécie de Robin-Hood da Antiguidade, suas aventuras foram narradas pelo político e historiador Cassius Dio. Mistagoga é a pessoa que inicia outra nos mistérios de uma crença sagrada.

— Sou e sempre serei seu servo no que for preciso, Senhora Berenice. Quanto à senhora Eurídice, ela também passará os dias ausente?
Eu tentei dar à minha voz a inflexão mais displicente que pude.
— Senhorita — corrigiu ela —, por ora o coração da bela Eurídice não tem dono. Mas eu diria que ela está roubando o seu.
Ela disse isso, dando uma risadinha, que muito me encabulou. Respondi em um tom mais alto do que eu desejava:
— De forma alguma. Não causamos uma boa primeira impressão um para o outro.
— Não é o que me parece, pois desde ontem ela não parou de falar de você…
A essas palavras, meu coração disparou. Seria verdade ou a boa senhora estaria apenas sendo bem-humorada, como costumava ser? Por mais que eu tentasse, não conseguia deixar de pensar em Eurídice, mesmo que sua atitude inicial não tenha sido das mais amistosas para comigo.
Mas não tive tempo de fazer perguntas, pois fui rapidamente dispensado com palavras doces, mas enérgicas:
— Por ora, é tudo, Flavius. Peço-lhe licença, pois tenho que me preparar para sair. Não esperem nenhuma de nós duas para o jantar.
Embora eu não quisesse admitir, fiquei desapontado com aquela última frase.
Nos dias que se seguiram, aconteceu como a Senhora Berenice havia predito: tanto ela como nossa nova hóspede saíam cedo, para só retornarem à noite, com ares muito sérios e cansados, sem interesse em qualquer conversa. Nessas ocasiões, eu trocava algumas palavras com Eurídice, mas elas não passavam de “boa noite, por favor, obrigada”.

Ainda assim, eu tinha a sensação de que elas eram ditas num tom atencioso, só para mim.
O mês de novembro chegou. Os dias iam ficando cada vez mais curtos e frios, com a típica neblina de Mediolanum deixando tudo ainda mais desanimador. Por isso mesmo a passagem de uma onda de calor fora de época alegrou toda a gente. O sol brilhava forte, e o vento quente do sul fazia-nos acreditar que estávamos vivendo uma nova primavera. Fugaz, mas bem-vinda.
Um evento tornou esses dias ainda mais especiais para mim: A protegida de Senhora Berenice torceu o tornozelo, ao descer as escadas. Ao dizer isso, o ouvinte pode pensar que tive prazer em seu sofrimento, mas não foi esse o caso: o acidente me permitiu finalmente lançar uma nova luz sobre mim, aos olhos de Eurídice.
O ouvinte pode agora estar imaginando que, como um Aquiles, eu teria virilmente amparado a queda de minha Briseis. Mas a semelhança entre mim e o filho de Peleus se resume apenas ao nosso fraco calcâneo. O amor pela verdade me obriga, não sem embaraço, a descrever fielmente a cena: no mesmo momento em que eu subia com um balde cheio de água, Eurídice descia as escadas que separam o primeiro andar do térreo. No primeiro passo, ela virou o pé, caindo estrondosamente, rolando degrau por degrau. Em sua desafortunada trajetória, ela acabou me levando junto.
Nossos corpos se emaranharam: não éramos nem grifo, nem harpia, mas um amálgama confuso, num voo lento e caótico, separando-nos um do outro apenas no final da escada, aos pés da Senhora Berenice, que acompanhou nossa curta e desastrosa jornada entre a comoção e o riso, prova de que até as pessoas mais elegantes às vezes riem da desgraça alheia, quando é pouca. Foi ela quem nos ajudou a

levantar, pois na queda eu acabei quebrando meu báculo. Assim, não pude nem ao menos estender uma mão forte e heroica à Eurídice. Aceitando minha condição de homem comum, restou-me apenas sentar-me na maldita escada, a cabeça baixa a lamber minhas feridas de herói derrotado.

Pelo menos eu estava em chão firme.

O acidente causou uma torção bastante severa no tornozelo de Eurídice, obrigando-a a ficar em repouso por alguns dias. A jovem que, em dias normais, era um esquilo agitado, agora só podia fazer breves caminhadas. Foi então que eu percebi quanto ela e a Senhora Berenice eram parecidas, pois ela estava apenas no terceiro dia de convalescência e já dava mostras de ser incapaz de ficar sentada à espera da recuperação chegar. Era como observar um animal selvagem preso numa jaula.

No auge do tédio e aborrecimento, foi a mim que ela solicitou salvamento:

— Flavius, seja galante e leve-me para um passeio. Se eu ficar mais uma hora aqui sentada, juro que me jogo da escada de novo.

Surpreso, mas muito disposto a atendê-la, pois agora, sim, eu poderia ser seu herói, perguntei aonde ela gostaria de ir.

— Aonde você quiser me levar. Tenho certeza de que vou gostar.

Eu tive a impressão de que ela corou ao dizer essas palavras, mas essa impressão durou pouco, pois ela se levantou rapidamente, mostrando-me o braço para que eu a acompanhasse.

Conhecendo Mediolanum como a palma da minha mão, eu a levei para conhecer as partes mais bonitas da cidade: o palácio imperial, o circo, o teatro e as termas. Caminhamos da Porta Vercellina até a Porta Romana. Acho que não havia na cidade homem mais orgulhoso que eu, por ter ao

meu lado tão bela companhia, pois a Eurídice que me acompanhava era encantadora, muito diferente daquela que eu vira na primeira vez.
A caminhada foi longa, e tivemos fome, como tinha de ser. Sabendo que a impressionaria, eu lhe ofereci o melhor libum de todo o Império Romano. É verdade que se dizia que essa era uma comida para pobres, mas a massa fina de pão assado e coberta por uma mistura de carne e vegetais de Octavius era irresistível em sua simplicidade. E nem o fato de ela ser preparada e vendida por um comerciante ambulante impedia as pessoas de fazer fila por um daqueles deliciosos discos de pão. Ainda que seja um prato que servimos em nossa taverna nos dias de "vacas magras", aquele de Octavius era muito melhor que o nosso. Mas eu nunca vou dizer isso à minha mãe.
Enquanto caminhávamos de braços dados, Eurídice mostrava interesse por tudo o que eu lhe apresentava e parecia estar apreciando o passeio tanto quanto eu.
Em certo momento, querendo impressioná-la, certamente inspirado pela autoestima que vinha crescendo desde que eu começara a conviver com a Senhora Berenice, eu fiz um discurso grandiloquente, no melhor estilo do poeta Ausonio:
— Em Mediolanum, tudo é digno de admiração, com nossas grandes riquezas e tantas casas nobres. Somos fortes, mas protegidos por imponentes muralhas. Em nosso circo, todos nós podemos apreciar os espetáculos. Sem esquecer o teatro com degraus em cunha, nossos templos, ou a fortaleza do palácio imperial. Quem não desejaria viver no bairro que leva o nome das Termas de Erculee? Nossos pátios com colunatas são adornados com admiráveis estátuas de mármore e temos edifícios, uns mais imponentes do que os outros, como se fossem rivais, e nem a proximidade de Roma diminui seu esplendor.

— Ora — respondeu ela —, parece que temos aqui um futuro magister, ou quem sabe até um senador. Não sabia que você era versado na arte da oratória!
Eu fiquei constrangido, mas, ao mesmo tempo, orgulhoso. Por mais que a frase tivesse seu tom habitual de troça, havia também gentileza.
— Não fique encabulado. Gosto muito do seu jeito de falar. A mãe sempre nos diz…
A frase morreu nos lábios de Eurídice, que de repente ficou pálida como a cera. Seus olhos, muito abertos, olhavam fixamente na direção de dois homens de aparência respeitável, mas que, por uma razão que eu não soube explicar, emanavam um ar sinistro. Apressei-me em dizer, num impulso de heroísmo de pavão:
— Esses homens a incomodam, Eurídice? Acaso foram eles que perseguiram você na noite de sua chegada? Se foram eles, vou até lá tomar satisfações! Que sejam nobres patrícios ou não, eles não têm direito de perturbá-la!
O sorriso e a cor voltaram ao seu rosto. Eurídice me respondeu num tom de doçura em sua voz, que eu ainda não conhecia:
— Meu bravo Orfeus! Eu acredito em sua honra e em sua valentia e tenho certeza de que esses homens se sentiriam ameaçados se você fosse confrontá-los. Mas não há razão para isso. O motivo de eu ter me assustado é que eles me lembraram de uns personagens terríveis que vi numa apresentação na ágora de Kavala, há alguns anos. Deixemo-los para lá. Venha, mostre-me um outro lugar interessante. Desse lado aqui, já me cansei.
Eu estava enfeitiçado por sua beleza, inteligência e personalidade tão segura e tão diferente da minha. Por isso mesmo só ouvi as palavras elogiosas endereçadas a mim,

sem notar o medo que se escondia por trás de seu tom amável.
Continuamos nosso passeio e voltamos para casa só no fim da tarde, mas, para mim, foi como se tivéssemos acabado de sair. Eurídice, que voltou com o tornozelo ainda mais inchado, teve direito à uma reprimenda da Senhora Berenice, ainda que a admoestação não tivesse ar de muito séria. Durante a conversa, eu mencionei o encontro com os personagens de teatro que tanto assustaram Eurídice, caçoando dela como só alguém que tem grande familiaridade se permite fazer. Eurídice riu um riso sem graça, mas a troca de olhares entre ela e a Senhora Berenice não tinha nada de divertido. Mais uma vez as duas se trancaram no quarto para discutir em voz baixa. Dessa vez eu não quis bisbilhotar.
Poucos dias depois, minha Diana Luna já havia se recuperado completamente, e as duas mulheres voltaram à sua rotina de ausências longas durante o dia, voltando para o albergue tarde da noite. Agora, porém, a cada vez que me encontrava, Eurídice tirava um pouco de seu tempo para conversarmos.
Ela me perguntava sobre o que eu tinha feito ou sobre o que tinha para fazer, genuinamente interessada em minhas atividades. Ela também me fazia cumprimentos pelo meu trabalho de secretário, dizendo que a Senhora Berenice elogiava muito meu estilo narrativo e meu trabalho diligente. Ela sempre terminava me perguntando se eu teria algum tempo disponível para ela, tão ocupado estava. Por mais que, na realidade, era ela quem estava sempre ausente e ocupada, essa consideração fazia com que eu ganhasse cada vez mais confiança. Agora eu via cada atividade do meu trabalho como algo muito importante, muito digno. Pela primeira vez na vida senti orgulho do que eu fazia.

Eu já estava me acostumando com a presença de Eurídice e a considerava uma hóspede permanente, como a Senhora Berenice. A cada dia eu esperava ansiosamente por uma nova ocasião de estar a sós com ela e poder convidá-la para um novo passeio. Quem sabe iríamos até o Benacus. Em Mediolanum, todos diziam que não havia melhor lugar para duas pessoas passarem um bom momento.
Mas aconteceu o contrário do que eu esperava.
Elas partiram há três dias e não temos mais notícias. Nem Eurídice, nem a Senhora Berenice nos preveniram sobre uma possível viagem, e estamos todos inquietos.
Eu temo o pior.
Nada podendo fazer a não ser esperar, decidi servir-me do tempo livre para transpor o relato restante nos pergaminhos, pois eu já tenho muito material acumulado.

Eu fico impressionado em ver quantas histórias podem viver em uma pessoa. E, pelo visto, a Senhora Berenice continua a acrescentar capítulos intrigantes à dela. Eu só espero que ela esteja bem e que retorne em breve.

RECUAR, PARA AVANÇAR

Outubro 330

— Você, a quem chamam Ezana, venha conosco!
Berenice virou-se na direção daquela voz imperiosa.
A imagem que seus olhos encontraram ficaria para sempre registrada em suas memórias e seus pesadelos. O jogo de sombra e luz projetado pelas tochas e a fogueira moldavam uma silhueta difusa de oito cavalos, visivelmente cansados, mas fogosos e agitados, montados por legionários paramentados como se partissem para uma batalha.
O comandante do grupo se destacava tanto pela selaria quanto pela armadura. Se a *lorica segmentata* que ele exibia não era magnífica como a de um *magister equitum*, ainda assim ela era imponente. A vestimenta, as insígnias que ele portava e o ar de superioridade eram condizentes com a posição de *tesserarius,* e essa informação por si só indicava a gravidade da situação.
Dois dos legionários apearam de um salto lépido e se posicionaram ao lado de Ezana, tomando seus braços e arrastando-o com força implacável até o *tesserarius*, que, estendendo um *linum*, leu a breve, mas decisiva mensagem que selaria o destino do rapaz e, por consequência, o de Berenice:
— Por ordem de sua excelência, Aulus Fabius Titianus, *Rector provinciæ* da *Galatia*, o dito Ezana está retido, sob acusação de *stuprum*[11]. Pelo Senado e o povo Romano[12]!
Os dois legionários amarraram as mãos de Ezana e já estavam prendendo a corda na sela do *tesserarius* quando Firat interpôs-se entre o rapaz e o cavalo, num ato que misturava coragem e insensatez.
Um dos legionários, que ainda estava montado, rapidamente desceu de seu cavalo, empurrando Firat que, mesmo sendo muito

---

[11] A palavra *stuprum* faz referência a uma série de infrações de caráter sexual, que podiam incluir desde sedução até adultério, passando por sexo entre pessoas do mesmo gênero. *Per vim stuprum* era o termo para o ato sexual não consentido.

[12] *Senātus Populusque Rōmānus*, ou SPQR. Ainda que o lema tenha origem na República, há registros de seu uso no tempo de Constantino I.

maior do que o soldado, caiu por terra violentamente, batendo a cabeça no chão. Imediatamente os legionários apontaram suas armas na direção do mercador, que olhava para eles legitimamente aterrorizado, agora temendo por *sua* própria vida.
Foi a vez de Ayla intervir. Agarrando os pés do comandante, ela implorou por clemência, tentando explicar entre lágrimas e soluços que tudo não passava de um mal-entendido, que Ezana era inocente, que Berenice estava grávida, buscando assegurar a boa conduta do rapaz o melhor que podia.
Seu gesto só fez crescer no comandante uma irritação perigosa:
— Vocês estão me cansando com essa conversa toda. O jovem é procurado por afronta a um membro da família do Governador da Província. O que vocês estão pensando: que somos como um povo bárbaro e aqui cada um faz como bem entender? Que é possível um nobre sofrer agravo e tudo fica por isso mesmo? Vocês acham que estão imunes a *Lex Romana*? Pois vocês não passam de mercadores, ladrões e patifes! Se vocês insistirem, confiscarei todas as suas mercadorias e levarei mais um ou dois comigo por desacato à autoridade. Que tal isso?
Percebendo que a situação se degradava, agravando ainda mais as circunstâncias, Berenice aproximou-se do comandante.
Ela falou em tom contrito, mas digno:
— Respeitável comandante, eu peço perdão em meu nome e em nome de meus companheiros. O senhor há de entender a nossa preocupação. Esse que vocês estão levando é meu esposo. E ele é inocente das acusações que recaem sobre ele. Mas, como o senhor mesmo disse, somos pobres e humildes e, entre os pequenos, o mínimo de sensatez nos faz temer a força do Império que o senhor representa. Por acaso a gazela assustada não tenta fugir das patas do leão?
— Estou apenas cumprindo o meu dever — foi a resposta seca do *tesserarius*.
— Eu entendo, comandante. E lhe digo que o senhor o cumpre com fidelidade. Mas estamos completamente perdidos diante dessa situação. O senhor poderia ao menos dizer para onde meu esposo será levado?

— Tenho ordens de levá-lo diretamente para Ancira. Se vocês quiserem, vão até o fórum e procurem um *advocatio* que possa interceder a seu favor.
— O senhor é um homem bom, comandante. Faremos como você diz.
Berenice respondeu de forma sincera. Apesar de desapontada, ela estava agradecida: qualquer fio de esperança serviria para ela tramar uma solução para aquele drama.
Talvez tenham sido suas maneiras, humildes, mas dignas, talvez tenha sido outra coisa, o fato é que ao ouvi-la, o tom do *tesserarius* se abrandou:
— Ao chegarem em Ancira, vão até a basílica e procurem Ursicinus Marcus Rufus. Digam-lhe que vocês vêm da parte de Marius. Nós somos da mesma família, e ele não negará um pedido meu. Esse meu parente poderá advogar em defesa de seu amigo. É tudo o que posso fazer.
— Que os Deuses o abençoem e recompensem — disse Berenice, tocando os joelhos do comandante num gesto característico de contrição e submissão.
— Eu sou cristão e, para mim, só há um Deus. Desejo-lhes sorte.
Ante essas palavras, ele virou-se para seus soldados, dando sinal de partir.
Berenice teve tempo apenas de segurar a mão de Ezana.
No momento em que ouvira a ordem de prisão, o rapaz entrara num estado catatônico, como se uma porta sombria tivesse sido aberta diante dele, convidando seu espírito a fugir daquele lugar. O medo e a incerteza transpareciam em seu rosto, enquanto ele era puxado lentamente pelo cavalo do *tesserarius*.
O desejo de Berenice era de seguir aquela comitiva, de acompanhar Ezana, qualquer que fosse o fim que lhe aguardava. Mas a lança do comandante apontada na direção de seu ventre a convenceu de que isso não só era inútil, como perigoso.
— Nós vamos libertá-lo e trazê-lo de volta, meu amigo.
Foi Firat quem pronunciou essas palavras, mas o tom de sua voz denunciava a incerteza delas. Ele mal conseguiu olhar nos olhos de Ezana enquanto falava.

Enquanto Ezana desaparecia na escuridão completa daquela noite fria, flocos de neve caíam em abundância, vergando completamente o espírito de Berenice.

Na manhã seguinte, Ayla, Firat e Berenice foram até o fórum de Dorylœum, na esperança de que talvez Ezana tivesse sido levado até lá, antes de ser transferido para Ancira.
No entanto, tudo o que encontraram ali foram ouvidos surdos e lábios selados. Nenhuma autoridade nem qualquer pessoa se dispôs a ajudá-los. Parecia que todos estavam a par da história e ninguém queria indispor-se com o governador da província. Os três regressaram cabisbaixos, de mãos vazias.
Ao final do dia, eles discutiram o que fazer:
— Eu digo o que faremos: iremos até Ancira, atacaremos a prisão, mataremos os soldados e libertaremos nosso amigo à força! — era Roderico quem falava, exaltado pela cerveja e pela revolta.
Tudo no godo indicava que ele estava pronto para a briga, como sempre. E, como sempre, havia uma oponente, aquela com quem ele mantinha uma relação constante de morde-e-assopra:
— E antes mesmo de alcançarmos os portões da cidade, teremos todos sido dizimados pela guarda do governador. Assim não só perderemos Ezana como a todos nós. Problema resolvido! Diga, godo, você pensou nisso sozinho ou foi Melinoe que o inspirou, diretamente do Hades?
Soyla pronunciou essas palavras num tom irônico e duro.
— Não reconheço você, daciana! Eu acreditava que você fosse muito mais valente do que isso. Olhe só para você, parecendo uma galinha assustada. Poc! Poc! Poc!
Enquanto falava, Roderico batia os cotovelos, imitando asas, o que bastou para acender a chama da ira de Soyla:
— Coloque-me à prova então, godo beberrão! Vamos ver se eu não derrubo você!
Os dois se levantaram, prontos para a baterem-se, como duas crianças brincando de gladiador.
Ayla se interpôs imediatamente, acalmando os ânimos como só